



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o 51º Congresso Nacional da UNE (Conune) e 1º Encontro Nacional de estudantes do ProUni

Brasília-DF, 16 de julho de 2009

Meus queridos companheiros e companheiras participantes... Vamos... Vocês vieram aqui para trabalhar ou para gritar?

Meus queridos companheiros e companheiras estudantes, participantes deste Congresso da UNE,

Meu querido Marco Maia, presidente em exercício da Câmara dos Deputados,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro José Henrique Paim, ministro interino da Educação,

Meu querido companheiro Alfredo Manevy, interino da Cultura,

Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia,

Orlando Silva, dos Esportes,

Luiz Eduardo Barretto, do Turismo,

Luiz Dulci, da Secretaria Geral da Presidência da República,

Edson Santos, ministro da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Nosso querido companheiro Gregolin, ministro da Pesca,

Paulo Vannuchi, ministro dos Direitos Humanos,

Companheiro João Pedro, senador da República,

Deputados federais, nosso companheiro Aldo Rebelo, nosso companheiro Chico Lopes, nosso companheiro Fernando Marroni, Íris de



Araújo, Jô Moraes, Manuela D'ávila, Paulo Henrique Lustosa e o nosso companheiro Pedro Wilson,

Meu caro Magnífico Reitor, José Geraldo de Sousa, reitor da Universidade de Brasília, em nome de quem cumprimento os demais reitores presentes neste Encontro,

Nosso querido companheiro Carlos Alberto Caser, presidente em exercício da Fundação de Economia [Fundação dos Economiários Federais], que vai ajudar a financiar a reconstrução da UNE,

Nossa querida companheira Lúcia, presidente da União Nacional dos Estudantes,

Meu querido companheiro Ismael Cardoso, presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas,

Nosso querido companheiro Fernando Moraes, presidente da Federação Única dos Petroleiros, que está aqui presente,

O nosso querido companheiro Artur, que chegou atrasado e, portanto, não está na minha nominata, presidente da CUT,

Nossos queridos companheiros estudantes,

Falaram aqui Débora Pereira e Antônio Ananias por meio de quem eu quero cumprimentar a todos os companheiros do ProUni que estão aqui presentes.

Eu, na verdade, abri mão do meu tempo, do meu discurso aqui, porque acabei de receber um telefonema da dona Marisa, para eu não esquecer que eu tenho um almoço com o presidente da Embrapa, portanto eu tenho que ir para casa logo, por isso eu vou falar pouco, abrir mão do meu discurso.

Mas, eu queria Lúcia, dizer a você e aos companheiros da UNE e aos companheiros da Ubes, os meus agradecimentos e ao mesmo tempo o meu reconhecimento pelo papel extraordinário que vocês estão cumprindo como representantes de entidades que representam os estudantes brasileiros.



Há uma diferença fundamental entre as pessoas que são líderes e exercem a liderança e as pessoas que têm o cargo, que não são líderes coisa nenhuma e por isso têm vergonha do que fazem. Houve um tempo em que algumas pessoas não encostavam perto de quem estava no governo, com medo de que aquilo poderia parecer que ele seria cooptado. Então a pessoa... eu não digo isso falando dos outros, não. Eu digo isso porque eu fui dirigente sindical, e muitas vezes a gente fazia proposta pedindo a Deus para os empresários não aceitarem porque se aceitassem a gente não sabia como explicar: aceitou, então, eu pedi pouco, pelo amor de Deus.

Eu vivi esse tempo e eu sei que muita gente aqui viveu isso: vamos pedir o impossível para que a gente mantenha o discurso radical, e o que aconteceu? Eu estou vendo aqui os outros companheiros, mas estou vendo o companheiro Pedro, ali no cantinho sentado, e eu lembro o quanto foi importante a gente construir na área da Educação o que a gente está colhendo. Porque isso é um plantio, isso não acontece como em um passe de mágica: eu quero e eu faço! Isso acontece na medida em que você decide querer e você constrói coletivamente o fazer. E nós fizemos isso.

Eu queria lembrar, inicialmente, várias conversas que eu tive com o Pedro. Aliás, eu já tinha com o Orlando, eu já tinha com o nosso companheiro e, antes de vocês na UNE, o Lindemberg. Eu tinha uma vontade que a UNE não representasse apenas os estudantes das universidades públicas. Eu tinha uma vontade que a UNE sentisse o drama das pessoas que, por não poderem entrar em uma universidade pública, iam para as escolas particulares pagar, às vezes, o que faltava para comer dentro de casa, para estudar. E não era culpa de ninguém, a não ser de sucessivos governos que, ao longo dos anos, priorizaram a irresponsabilidade com a educação para que ela fosse privatizada. Não é à toa que o estado mais rico da Federação tem 82% dos universitários em escolas particulares, o estado mais rico. E a média nacional chega mais ou menos a 65% em todo o Brasil. Ora, e nós sabemos que no



mundo inteiro há uma compatibilização disso.

Mas quando a gente propôs a criação do ProUni, e foi uma ideia genial do nosso companheiro Fernando Haddad, e que houve algumas resistências iniciais do discurso fácil... “O governo está passando dinheiro para escola particular”. Foi nesse momento que os companheiros da direção da UNE, naquele momento, disseram: “Olha, nós queremos participar e queremos ajudar a construir essa formação”. Porque muito mais do que a gente ficar discutindo se a gente está abrindo mão de imposto para criar uma bolsa de estudos, os companheiros começaram a se preocupar em quantos alunos e quantos brasileiros da periferia vão ter acesso ao banco de uma escola na universidade, coisa que não tinham há muito tempo.

Porque a vida do pobre neste país, a vida do pobre... Você tem a classe média que faz sacrifício e ainda consegue pagar. Mas você tem a parte mais pobre, em que as pessoas faziam o vestibular, passavam nas escolas particulares, e em fevereiro desistiam, porque era incompatível a renda familiar com a mensalidade que tinham que pagar.

Então eu sou agradecido à compreensão que vocês tiveram e vocês hoje estão colhendo aquilo que vocês plantaram. Porque não há momento na história deste país em que a UNE pode ir à porta das universidades particulares discutir os problemas, não apenas do ProUni, mas daqueles estudantes que pagam, e só pagam porque não tem escola pública suficiente para que todos possam estudar.

Eu acho que é uma conquista da UNE e, quem sabe, Lúcia, a gente não tenha a dimensão de medi-la agora, mas eu não sei quantos presidentes da UNE tiveram a chance que vocês tiveram, de ir na porta de escolas particulares discutir a nossa tão querida União Nacional dos Estudantes.

A segunda coisa importante foi o Reuni. Eu andava incomodado, andava incomodado porque eu não me conformava que uma universidade tivesse, no Brasil, a média de alunos por professor, 12 alunos. E a gente não queria nada.



A gente só queria, mais ou menos, equiparar ao nível da França, 18 alunos por professor. Era uma média que eu achava que era plenamente possível alcançar. Eis que, quando nós propusemos isso, os de sempre começaram a dizer que a gente estava popularizando demais a universidade. “Onde já viu colocar 12, 18 alunos por professor?” Que ia avacalhar ou reduzir a qualidade do ensino. Houve várias reitorias quebradas, várias reitorias. Não pensem que a luta foi fácil e, outra vez, eu quero dizer que a UNE jogou um papel extraordinário de uma entidade de caráter político, que não teve coragem [que teve a coragem] de dizer: “Essa bandeira é uma bandeira que nós, que somos estudantes e que somos líderes, não temos medo de defender”.

E o resultado, qual é? O resultado é que, em pouco tempo, a gente saiu de 114 mil alunos que renovavam as vagas nas universidades por ano – isso é uma média histórica – para 224 mil, depois do ProUni, e no ano que vem serão 350 mil jovens a mais. E eu posso dizer para vocês, posso dizer para você, Peta, companheira Lúcia, que essa vocês podem dizer que foi uma conquista da UNE. Porque se vocês tivessem dito não para nós, certamente nós não iríamos afrontá-los por conta da nossa relação histórica. Não iríamos afrontá-los. Então, acho que vocês foram extraordinários nesse comportamento. E também o companheiro da Ubes, os companheiros da Ubes também tiveram um papel importante.

Agora, vamos ver o que aconteceu entre nós? A primeira coisa que nós tomamos como decisão no governo foi não utilizar a palavra gasto com Educação. Porque quando a gente vai discutir o orçamento da Educação, deve ser a mesma coisa para discutir o orçamento familiar, a mesma coisa para discutir o orçamento de uma entidade. Você tem dez fontes que você precisa distribuir, você tem um montante que você arrecada e você tem que distribuir para cada área uma quantia equivalente àquela que o companheiro pensa que vale ou àquela que ele vale mesmo. E nem sempre você pode contentar todo mundo.



Então, quando chega em uma discussão orçamentária, o Ministério tal tem o mesmo valor do Ministério da Educação, o Ministério tal tem o mesmo valor do Ministério da Saúde. Na hora em que o ministro senta à mesa, é como a gente dentro da casa da gente. Não sei quem tem muitos irmãos aqui, mas ninguém aceita que o pai dê R\$ 11,00 para um porque vai para tal lugar e tente convencer o outro a pegar só R\$ 5,00 porque vai ficar em casa. Todo mundo quer os R\$ 11,00. Então, a primeira definição que nós tivemos era que em Educação neste país não utilizaríamos no orçamento mais a palavra gasto, iríamos utilizar a palavra investimento. Estava proibido qualquer ministro utilizar a palavra gasto com Educação.

Bem, não pensem que foi fácil porque é uma coisa cultural, estava arraigado em nossa massa encefálica falar gasto, porque tudo era gasto. Bem, e aí vocês sabem o que aconteceu: de pouco em pouco, de pouco em pouco, de pouco em pouco, nós criamos o Fundeb, criamos o Plano de Desenvolvimento da Educação. E o que me dá alegria hoje, companheiros, que é motivo de orgulho? Não é o primeiro Presidente da República que veio a um congresso da UNE, aqui no Brasil. É o primeiro Presidente da República que tem coragem de se reunir com os reitores brasileiros, coisa que nenhum, nenhum Presidente da República teve coragem de se reunir com os reitores. E nós, todo ano, fazemos reunião. Esse dedo que falta não foi mordida de nenhum reitor. Isso aqui foi na fábrica, na Metalúrgica Independência, em 1964. Portanto, todo ano nós nos reunimos e nunca aconteceu nada comigo e muito menos com eles.

Ora, habitua-se a chamar de sectário e radical quem faz a pauta de reivindicação e não se chama de intransigente e radical quem não quer sequer discutir a pauta de reivindicação. É uma inversão de valores. Ora, eu vim aqui e a Lúcia fez o seu discurso como se eu não estivesse aqui e ela fez mais forte ainda porque sabe que eu estava aqui. Essa relação civilizada, democrática, ninguém tem que ser dependente de ninguém. Eu sou amigo de vocês e vocês



meus amigos. Vocês são uma entidade com autonomia, na hora que vocês não concordarem é para dizer na minha cara: não concordo, sou contra e vou para a rua fazer passeata. Não tem nenhum problema.

E na hora que vocês fizerem uma reivindicação que eu não possa atender, eu vou dizer: eu não posso atender, não tenho como atender, façam o que vocês quiserem. Se não houver essa relação e a gente construir uma relação mentirosa entre o movimento e o Estado a gente passa a não contribuir para o aprimoramento civilizatório das instituições políticas deste País. E o mesmo vale para a CUT, o mesmo vale para qualquer entidade, e eu acho que essa relação é a grande conquista nossa. É a mudança de paradigma na relação entre o Estado e sociedade, entre Estado.

Eu lembro quando o Paulinho Vannuchi pediu para eu fazer um decreto convidando a Conferência Nacional GLTB. Eu fiz o decreto e aí começou a pressão em cima de mim: você não vai, você toma cuidado, você, olha, tem muita gente lá, que você não pode ir lá, que podem te agarrar, podem tirar uma foto. Eu achei um absurdo eu vir ao encontro e o que que eu vi ali? Eu vi homens e mulheres, brasileiras e brasileiros, fazendo o mesmo discurso que qualquer um de nós faz em qualquer lugar do mundo. Porque na hora de pagar imposto de renda ou de votar ninguém tem preconceito neste País, ninguém trata ninguém de forma secundarizada.

Bem, vocês sabem o número que o Dulci disse. Eu já participei de 60 conferências nacionais aqui, 60. E a gente não ouve apenas coisas boas, a gente ouve a verdade, e são nessas conferências que a gente aprende que nem tudo que permeia o gabinete de um Presidente é a pura verdade que acontece neste País. É a pura verdade. Então, eu agora estou andando com uma... O meu companheiro Stuckert anda com uma máquina, alguém fez uma reivindicação, gravo, que é para chegar e cobrar das pessoas. Porque muitas vezes, aqui, a gente aprova as coisas, decide em uma reunião com dez ministros e, três meses depois, quando eu penso que vou ser convidado para



participar da festa, a coisa nem aconteceu ainda. Porque entre o governo e a estrutura funcional você tem códigos, você tem estatuto, você tem comando, tem normatização: eu só posso isso, só posso aquilo, só posso aquilo. Se tiver no código, dizer sim ou dizer não, se aparecer uma coisa nova, a pessoa fala: “Não posso fazer”. Então, isso foi um processo evolutivo, para a gente chegar aonde nós chegamos, extraordinário.

Veja, escola técnica. Quem é deputado sabe que em 1998 foi mandada uma lei para o Congresso Nacional, tirando do governo federal a responsabilidade de o governo federal cuidar do ensino técnico profissional. Uma lei. Nós tivemos que revogar essa lei. Eu vou dar um dado para vocês, jovens, para que vocês cobrem dos outros que vierem depois. Cobrem, porque eu acho que a obrigação nossa é elevar o paradigma: quem vier depois de nós vai fazer mais. Esse é o meu sonho. Deus queira que o próximo presidente da República do Brasil possa dizer: “O Lula só fez isso. Eu fiz isso, isso e isso”. Quem sabe aqui... Eu sou daqueles, Aldo, que acho que quem mais ganhou com a Revolução de 1917 não foi quem fez a revolução. Quem mais ganhou foi a Europa Ocidental que, com medo do Comunismo, criou o Estado de bem-estar social, rapidinho, em toda a Europa Ocidental.

E, se quem vier... Se todo o mal que eu fiz para o País foi permitir que venha alguém para fazer mais do que eu fiz, eu já morrerei feliz, muito feliz. Por quê? Porque nós estamos fazendo, além das 12 universidades novas – algumas já inauguradas – tem quatro no Congresso Nacional, quatro. Uma universidade para a América Latina, com currículo latino-americano, com professor latino-americano, para que a gente possa fazer com que a América deixe de ser apenas discurso, mas seja uma realização, com estudantes de todos os países, com professores de todos os países. A história será a história da América Latina.

Outra é uma afrodescendente, que é o meu sonho. Está no Congresso Nacional. Eu falei para o Maia agora: eu pensei que quando eu mandasse um



projeto para criar universidade, em três horas estava votado. Não, demora até três anos. Mas vai ser feita na cidade de Redenção, no Ceará, onde começou o primeiro processo, o primeiro processo de libertação dos escravos. Vai ser ali. A ideia nossa é a universidade ter metade de africanos e metade de brasileiros, formar engenheiro agrônomo, formar médico, formar enfermeira, para ver se a gente ajuda a África, e é essa a forma de a gente pagar a África. Não há como a gente pagar em dinheiro o que o mundo que escravizou fez com a África. Nós temos que pagar é em solidariedade. Eu já fui à Ilha Gorée, no Senegal, pedir desculpas pelos 300 anos de escravidão e dizer que eu não podia pagar em dinheiro, mas a gente tem que pagar é em gesto de compreensão e de solidariedade ao povo africano que dedicou gerações e gerações ao enriquecimento de outros países.

Bem, nós, agora... Eu vou dar esses números, também, para vocês porque é uma outra coisa nova que está acontecendo no Brasil. Aonde eu chego hoje, no Brasil, as pessoas estão reivindicando o quê? Uma escola técnica ou uma extensão universitária. Tem coisa mais bonita do que isso? Tem coisa mais extraordinária, para um presidente da República do que ver uma menina e um menino do ProUni fazendo uma pauta de reivindicação? Se a gente não tivesse conseguido que esses meninos entrassem em uma universidade, possivelmente, quem estivesse preocupado com eles agora era o Tarso Genro, porque seria um problema de Segurança. Falta de perspectiva, falta de oportunidade leva qualquer um ao desespero, até ao suicídio. E nós estamos cuidando disso para dar oportunidade.

Vocês sabem que o Brasil tem muito preconceito. O preconceito contra os negros é tão grande, que tem gente que (incompreensível) com raiva, contra as cotas. Aqui eu não sei se está a nossa querida Nilcéa, que foi a reitora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a primeira a instituir a cota para negros no Rio de Janeiro. Ora, nós não temos que ter vergonha. Nós não estamos querendo que um negro tire o lugar de um branco, não. Somos todos



irmãos. O que nós queremos é dar uma oportunidade para quem teve menos oportunidade na história deste país. Apenas isso. Não queremos prejudicar ninguém. É apenas tentar fazer um reparo, fazer um reparo, um pequeno reparo, porque com as 104 extensões universitárias que estamos fazendo, daqui a dez anos essas extensões universitárias já estarão transformadas em faculdade, em vez de 8 cursos, 9 cursos, terão 25, 30 cursos, e nós estaremos resolvendo parte do nosso problema. Ou seja, nós estamos, eu diria... nós estamos tirando a universidade das capitais e levando para o interior. A Lúcia deve ter sentido a alegria da molecada na caravana que vocês fizeram. É outro mundo, é outra coisa o que está acontecendo no Brasil. É um processo lento, mas eu fico feliz porque... um dia eu fui a Cuba e, conversando com o Fidel, eu falei: Mas, Fidel, mas tem tantos problemas ainda em Cuba. Ele falou: “Lula, isso é um processo”. Ora, se é um processo de 59 até agora, imaginem nós que só começamos em 2003. Nós temos tempo para fazer esse processo dar... e é um processo mesmo, vai uma geração e meia, duas gerações, para a gente fazer a transformação.

Eu vou contar uma história para vocês. Eu fui esses dias a Congonhinhas, no Paraná. Tem alguém do Paraná aqui? Eu fui a Congonhinhas, no Paraná, inaugurar a casa de [nº] 2 milhões do Luz para Todos. Inaugurar a casa de [nº] 2 milhões do Luz para Todos significa que nós já atendemos 10 milhões de pessoas com o Luz para Todos. Vocês sabem que chegar a luz na casa de uma pessoa que viveu a vida inteira com um candeeiro é você fazer uma revolução e colocar a pessoa na máquina do tempo, trazer do século XVIII para o século XXI em um passe de mágica. Eu fui à casa de um cara e fiz... que viu pela primeira vez na televisão um jogo do Brasil. Vocês não imaginam a alegria. Para nós que temos televisão, uma no quarto, uma no banheiro, uma na sala, nós não ligamos para isso. Mas imaginem um coitado, que passou 50 anos com um candeeiro, pela primeira vez ver a Seleção brasileira jogar. E sabem o que significou a luz chegar na casa do cara?



Dessas 10 milhões de ligações, ou desses 2 milhões de casas, 83% compraram televisor, 79% compraram geladeira, 47% compraram aparelho de som. Ou seja, foram 1,570 milhão televisores, 1,492 milhão geladeiras e 894 aparelhos de som, por conta de chegar a luz na casa deles.

Eu fui à Bahia, em uma casa, apagar [acender], e deixaram a casa escura até eu chegar, às 7 horas da noite. E tinham lá duas mulheres, mães solteiras, cada uma com três filhos, com uma lata de refrigerante – não vou dizer o nome para não fazer *merchandising* – cheia de querosene, com um pavio. Era mais escuro do que... era quase noite, as pessoas não enxergavam nada. Aí, quando eu cheguei, peguei o dedo da mulher, coloquei na tomada e apertei, e acendeu a luz, é como se Deus tivesse feito aquela luz acontecer ali. Minha tia correu quando o Arraes ligou a luz. O Arraes apertou o botão e minha tia saiu correndo porque, 50 anos, com um fogão de uma boca só, com um candeeiro, achou que o mundo tinha acabado. Mas qual foi a frase feliz para uma mulher dizer: “é a primeira vez que eu vejo (inaudível)”. Essas coisas não têm valor, essas coisas não têm valor.

Bem, vocês sabem que de vez em quando nós temos adversários. Eu me lembro que quando nós criamos o Bolsa Família, alguém falava: “isso é populismo, isso é assistencialismo”. Pode ser, porque no fundo, no fundo, não passa de dar assistência a uma pessoa. Agora, para mim, que posso tomar cerveja em um boteco e dar R\$ 50 de gorjeta, isso não tem nenhum valor. Agora, imaginem uma mãe pobre que dizia assim: “eu, antes do Bolsa Família, comprava um lápis e partia no meio para dar metade para cada neto”. E ela dizia: “Hoje eu compro uma caixa para cada neto”. Ora, quem nasceu sem precisar disso, não sente. Agora, quem nunca teve isso e tem acesso, é tanto quanto uma revolução e é mais importante porque a revolução, a gente não sabe o que vai fazer depois. Esse negócio, a pessoa vê concretamente. As pessoas ricas não têm noção do que uma pessoa pobre faz com R\$ 80 em um supermercado, não têm noção. Para eles, não valem nada. E não valem



mesmo, para quem ganha 10 mil, 15 mil, 20 mil, 30 mil, 40 mil, R\$ 80 não são nada. Agora, dê na mão de uma senhora que tenha três ou quatro filhos, para ver o que ela é capaz de fazer, para ver o milagre que ela consegue fazer com a multiplicação dos centavos.

Então, esse momento que nós estamos vivendo é um momento que não é uma conquista do governo, não é uma conquista do governo. É uma conquista da compreensão que vocês têm do momento histórico. Esse negócio dos corpos dos desaparecidos, Lúcia, que você falou aqui, não pense que para a gente chegar onde chegamos hoje é um processo fácil. Nós temos que construir as coisas. Tem um acúmulo de força que é preciso ser construído, senão a caminhada para no meio do caminho. E nós não queríamos parar nada no meio do caminho. Hoje nós temos uma Constituição, a Dilma está preparando um decreto, e eu vou publicar o decreto com o nome da comissão, com participação de familiares, para irem lá e ver o que pode ser feito, porque nós achamos que é uma prestação de contas que o Estado brasileiro tem que fazer ao próprio povo brasileiro, para que a história não fique com uma página rasgada e que a gente não saiba o que aconteceu. Mas isso tudo é um processo em construção, não é uma coisa que a gente consegue fazer da hora para o dia.

Então, Lúcia, de coração, meus companheiros e companheiras de coração, vocês não sabem a alegria que eu estou de estar aqui junto com vocês vendo acontecer... só não conseguimos colocar a nossa mão no gesso porque, como os que falaram antes de mim falaram mais do que eu, o gesso endureceu e não ficaram os nossos dedos. De qualquer forma, se a gente chamar uma perita qualificada, a nossa impressão digital estará lá, pode utilizar para qualquer coisa que quiser.

Mas eu não queria deixar de falar da principal reivindicação que vocês fizeram, da questão do ensino público e gratuito para todo mundo. Duas coisas: primeiro, as reivindicações do ProUni. Eu acho que este ano nós tivemos a



primeira geração de formandos do ProUni. Agora, nós já temos como fazer uma aferição das coisas que andaram bem, que não andaram bem, que andaram mais ou menos, para a gente poder consertar e começar o ano que vem melhor. Mas a questão do ensino para todo mundo: o pré-sal está ali. A companheira Dilma, definitivamente, se comprometeu que dentro de dez dias ela e os ministros vão me apresentar o novo marco regulatório. E aí eu quero fazer um debate, quero mandar isso para o Congresso e debater, porque eu não quero que seja um projeto meu, tem que ser um projeto da sociedade brasileira, para que ninguém, nunca mais, tente privatizar esse patrimônio nacional que é a Petrobras. Mas eu pedi para os companheiros da comissão que nós vamos criar um fundo com uma parte do dinheiro do pré-sal. Esse fundo tem três destinos fundamentais. Um deles é a Educação. Nós temos que recuperar o atraso educacional a que este país foi submetido desde que foi descoberto. Um outro [destino] dele será para combater a pobreza nos locais mais pobres deste país, para a gente elevar o padrão de vida do povo brasileiro. E um outro será para investir em ciência e tecnologia, porque o Brasil não pode deixar de compreender que são investimentos dessa magnitude que vão permitir ao Brasil dar um salto de qualidade.

E vocês têm que ter orgulho. Vocês, estudantes brasileiros, não têm que ter vergonha não, porque este país, este ano, passou a Rússia e a Holanda em produção de artigos científicos em revistas especializadas, porque nós tivemos coragem de fazer, com a participação dos estudantes brasileiros, o primeiro programa de ciência e tecnologia que não é do ministro e que não é do governo, é da sociedade. E a sociedade aprovou R\$ 41 bilhões, até 2010, para investimento em ciência e tecnologia.

Então, eu saio daqui dizendo para vocês o seguinte: valeu a pena vocês acreditarem que era possível protestar e construir. Valeu a pena vocês assumirem a responsabilidade de dizer: “Nós somos uma entidade que protestamos quando necessário, fazemos passeata quando necessário”, mas



tiveram a coragem de me propor a reconstrução do projeto Rondon e fazer as pessoas viajarem por este país conhecendo os seus irmãos que, muitas vezes, nunca conseguem chegar perto da gente.

A todos vocês, que Deus permita que nesse dia que vocês vão ficar aqui, a sabedoria passe pela mente de vocês tudo aquilo que ainda falta fazer porque, certamente, vai precisar de mais alguns governos ou, quem sabe, muitos, para que a gente possa transformar o nosso país em um país justo, em um país solidário, em um país em que os estudantes não irão reivindicar apenas mais carteiras ou bancos na escola, mas vão discutir a qualidade e o futuro deste país.

Muito obrigado, gente. Que Deus abençoe cada um de vocês.

(\$211A)